

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Titãs da Civilização  
**Ocidental** 4



Copyright © 2020 Brasil Paralelo  
*Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo*

**Editor Responsável:** Equipe Brasil Paralelo  
**Revisão ortográfica e gramatical:** Equipe Brasil Paralelo  
**Projeto de capa:** Equipe Brasil Paralelo  
**Produção editorial:** Equipe Brasil Paralelo

---

Nogueira, Rafael

Titãs da Civilização Ocidental: Aula 4

ISBN:

1. História do mundo antigo

CDD 930

---

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.  
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

[www.brasilparalelo.com.br](http://www.brasilparalelo.com.br)

[contato@brasilparalelo.com.br](mailto:contato@brasilparalelo.com.br)

## **SINOPSE**

Pai do modo de filosofar como o conhecemos até hoje, Sócrates é o foco desta aula. Descobrir como ele se tornou filósofo, por que preferiu morrer a enfrentar o exílio, quem foram seus antecessores e quais grandes aprendizados nos legou é o convite que lhe fazemos.

## **OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: quem foi Sócrates; quem foram seus antecessores; as interpretações existentes em relação ao legado de Sócrates; por que era o homem mais sábio da Grécia; o que é honestidade intelectual.

## **INTRODUÇÃO**

Na aula de hoje, trataremos sobre Sócrates. Como abordamos o mito grego no encontro anterior, é preciso fazer, inicialmente, uma introdução histórica, para que se compreenda qual era o contexto, qual era o panorama, em que Sócrates viveu.

Depois, centraremos nossa atenção no pensamento de Sócrates, sempre baseados nos livros, mais especificamente, no “Apologia de Sócrates” e no “Críton”, que foram os principais que utilizei para extrair os elementos desta aula.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO**

No encontro anterior, estudamos o mito e também, brevemente, os períodos da história da Grécia. Tendo isto em vista, a vida de Sócrates está situada no período clássico, que é o quarto período. O último período, helenístico, tem início após a decadência do período clássico. Sócrates, portanto, está no auge da civilização grega, no auge de Atenas. Contudo, Sócrates também está em um ponto de queda. Embora pareça, não há contradição nisto que acabo de dizer porque, quando atingimos o auge, resta-nos o declínio. Assim, também podemos dizer que Sócrates viveu em um período em que Atenas estava entrando em declínio.

Sócrates passou por várias guerras ligadas ao que chamamos de Guerra do Peloponeso. Após o desfecho desta, com a vitória de Esparta, Atenas definha definitivamente e, tempos depois, a Macedônia conquista todas as cidades-Estado gregas. O contexto era a Guerra do Peloponeso. Convém lembrar que a guerra presente nos filmes “300” e “300 - A ascensão do império” era contra os persas e foi responsável pela formação da Liga de Delos, uma espécie de confederação

orquestrada em torno de Atenas, em que esta desempenhava o papel de guardião, de estrategista, e, ao mesmo tempo, de coletora de impostos, para realizar a proteção constante e contínua da Hélade, que é o conjunto de cidades-Estado gregas, contra a Pérsia.

A formação da Liga de Delos, com Atenas no comando, permite que a cidade levante muitos fundos e consiga se dedicar à estruturação daquela Atenas tão artística da qual ouvimos falar, cheia de templos e estátuas. Muito disso foi feito com dinheiro oriundo das outras cidades-Estado, presentes na Liga de Delos.

É nessa Atenas bem estruturada que a filosofia começa a atingir um novo patamar, um novo modelo.

### **Tales e o início da filosofia**

Mas, como surge a filosofia? A filosofia surge no século VIII a.C. e, entre este e o século V a.C., sofre uma transformação muito interessante.

O primeiro nome da filosofia é Tales de Mileto. Mileto era uma colônia grega localizada na Ásia Menor. Como já expliquei, a Grécia era considerada unificada pela cultura, não territorialmente ou debaixo de um império. Por isso, havia cidades-Estado gregas com língua grega, com mito grego, e que inclusive participavam das competições olímpicas, desde a Ásia Menor até as ilhas do em torno do Mar Egeu, na península balcânica e na península itálica. A Grécia Antiga não corresponde ao que hoje é o país Grécia. Este é apenas uma pequena parte que, no entanto, preserva o núcleo. Atenas e Esparta, por exemplo, ficavam onde hoje existe a Grécia. Mileto e Tróia, por outro lado, ficavam na Turquia. Com isso, percebemos que a Hélade era bem grande.

Tales é muito conhecido pelos estudantes de matemática por causa de seu teorema, o Teorema de Tales, com o qual é possível fazer uma mensuração da pirâmide por meio de suas sombras. Mas, além de ter desenvolvido certo aporte matemático, Tales desenvolveu uma explicação para a origem do universo. Consta na lenda dele, porque não temos muitos documentos a seu respeito, que ele teria viajado, principalmente, para o Egito, onde passou um bom tempo. Isso é meio óbvio, afinal, seu teorema nos permite medir as pirâmides.

Sua viagem ao Egito desperta um questionamento importante: será que os gregos aprenderam a pensar com os egípcios? As respostas são poucas satisfatórias. Compartilho com vocês a minha resposta hipotética. Ainda que goste muito dela, não

tenho certeza se está correta, pois eu não estava lá. Parece-me que Tales aprendeu muitos conhecimentos com os egípcios, bem como Pitágoras e Platão - os três teriam visitado o Egito -. No entanto, embora o Egito, assim como a Índia, tivesse uma cultura milenar já muito bem desenvolvida, era uma cultura que ainda estava enraizada no mito. Além disso, seus conhecimentos eram sobretudo simbólicos e iniciados mediante processos iniciáticos, também simbólicos.

A filosofia é diferente. A filosofia é feita em praça pública, é clara e aberta. Ela apresenta um elemento democrático, pois é voltada para quem tem capacidade de entender, para quem tem vontade, para quem quer participar desse projeto de questionamentos e usar a razão. Não tem segredos, não tem exigências para transmissão de segredos, não tem provas iniciáticas. Nada disso. Se quisermos fazer uma associação, as provas iniciáticas seriam as etapas para que o indivíduo atinja a compreensão. Somente isso. Não há nenhum tipo de ritual. O que acontece na Grécia é muito diferente do que acontece no Egito.

Tales, Pitágoras e Platão provavelmente aprenderam algo no Egito. Eles talvez tenham passado, inclusive, por alguma iniciação. Ao voltar do Egito, Tales cria a Escola de Mileto, na qual ensinava, além da matemática, essa parte mais teórica. Hoje, o que mais próxima desse início da filosofia é a física teórica. Tales descobriu certos conhecimentos matemáticos que o ajudavam a entender a realidade imediata. Isso elevou sua autoestima a tal ponto que ele achou que pudesse explicar a origem do universo. E não é isso que acontece com muitos físicos? Eles desenvolvem a capacidade física, a capacidade matemática, e dão um salto que não está de acordo com o seu aprendizado. A própria teoria do Big Bang, a teoria das supercordas e aquilo que se desdobra da teoria quântica vêm disso.

A pergunta de Tales, para qual buscava respostas, era: de onde tudo veio? De onde o universo veio? Essa questão pode ser contemplada de duas perspectivas.

Se você observar bem, ela é uma pergunta temporal, ou seja, dá impressão de questionar como tudo começou. Por outro lado, essa pergunta pode se desdobrar em um outro aspecto não-temporal, ou seja, que não procura o primeiro instante de tudo, mas de um aspecto da base, da estrutura da realidade. A indagação é por descobrir qual é o princípio de tudo. Tudo é a busca da explicação da *physis*, o termo em grego para natureza. Mas a origem da natureza é outra coisa, é a *arché*, e há também a *aítia*, que é o princípio sustentador da natureza, que, por sua vez, é a estrutura da realidade.

Tales responde a pergunta com um elemento só, que serviria para as duas coisas. Para Tales, tudo começa da água e tudo se mantém graças à água. Para nós, essa resposta é um tanto ingênua. De qualquer forma, foi uma resposta muito diferente da resposta do mito, o qual explica a origem de todas as coisas pela origem dos Deuses.

Na resposta do mito, todas as coisas surgiram porque do caos veio Gaia (terra) e Urano (céu). Gaia e Urano ficam em uma relação sexual interminável, a qual origina muitos filhos, dentre os quais, Cronos. Por medo de ser sucedido pelos filhos, Urano os aprisiona dentro de Gaia. Até que Gaia perde a paciência e tem uma ideia. Os gregos geralmente colocam a mulher como a responsável por ter a ideia de perverter a ordem inteira. Gaia se associa com seu filho Cronos e este corta o órgão sexual masculino do pai. O afastamento entre Gaia e Urano cria o espaço. Cronos impõe uma nova ordem, a ordem do espaço-tempo. Antes, só havia coisas eternas e, de repente, Cronos, com sua ousadia, unido à Gaia, consegue criar o espaço e ser o responsável pela ordem, ou seja, o tempo. Assim é a resposta do mito.

Aliás, falar em espaço-tempo não era um hábito para os gregos. Essa interpretação simbólica de Cronos como o tempo demorou muito para existir. Para nós, essa interpretação é muito óbvia. Para eles, não era. Na Grécia, havia inclusive escolas iniciáticas que procuravam estabelecer o sentido de cada deus, de cada elemento grego. As escolas órficas também faziam isso. Para o povo em geral, era suficiente dizer que as coisas vieram de Gaia e Urano, e que depois Cronos se revoltou contra o pai.

Ao responder que a água é o princípio de tudo, Tales traz uma nova maneira de enfrentar a questão, uma maneira não-mítica, pois Tales não está criando ou repetindo uma historinha que dá uma resposta a essa pergunta, mas tentando dar uma explicação com base na própria natureza, e que se pretende lógica. Uma explicação com base na natureza porque, em alguns sentidos, é uma explicação física. É explicação de um elemento natural, um elemento mais básico, um elemento que, digamos assim, dá sustentação a todos os outros.

Tales achava que as coisas se diferenciavam por graus de umidade. Podemos até fazer o exercício de nos colocarmos no lugar dele. Tales observava a vida que havia na água e que, quando sem água, o que acontecia era a morte. Além disso, a água toma a forma sólida, a água toma a forma gasosa. Embora seja ingênuo para

nós, é um tanto mais sofisticado do que a manutenção da narrativa mítica. Então, Tales dá esse passo.

### **Cosmos, a preocupação dos filósofos**

Tales teve discípulos e essa escola se desenvolveu. Depois dele, houve muitos outros filósofos que o seguiram na tentativa de responder a essa pergunta. Veremos alguns, rapidamente, porque o foco da aula está em Sócrates e isso é apenas uma introdução contextualizadora.

Anaximandro deu a resposta mais abstrata possível. Depois dele, na península itálica, apareceu Pitágoras, o qual concebeu uma explicação numérica para a harmonia das coisas. Posteriormente, surgem Heráclito e Parmênides. Heráclito responde que é o fogo, mas o fogo mais como símbolo do que como o elemento do qual as coisas vem, mesmo porque, poucas coisas vem do fogo. Vem cinzas do fogo. É o fogo como símbolo da mutação perpétua, do devir. Parmênides é um dos principais criadores da ideia que vai embasar, depois, a teoria das ideias de Platão e a teoria da lógica de Aristóteles. Parmênides chega a ideia de que os sentidos físicos, ou seja, o olfato, a audição, a visão, informam-nos da aparência das coisas e não sobre as coisas mesmas. Então, o ser, ou seja, aquilo que é a realidade, está por trás daquilo que os nossos sentidos percebem. Isso vai influenciar fortemente Platão e depois Aristóteles. E, inclusive, vai influenciar o Sócrates.

Percebam que as explicações desses filósofos são muito mais pela *physis*, ou seja, a origem da natureza e como a natureza funciona. Um deles afirma que a natureza, no fundo, é uma enganação de algo que está por trás, que é o ser. Outro diz que a natureza é uma mutação constante, que tudo muda o tempo todo. Por isso, nunca tomamos banho no mesmo rio duas vezes. Outros, deram respostas um pouco mais meticolosas.

Há aqueles filósofos mais próximos temporalmente de Sócrates. Demócrito, por exemplo, inventa a ideia de átomo. Tomo é divisão. Átomo, portanto, é aquilo que é indivisível. A partícula atômica é a partícula indivisível. Hoje, o átomo é dividido, mas a etimologia da palavra é essa. Demócrito tentou enxergar a partícula, justamente, que não podia se dividir, a menor e tentou explicar, por meio dessa partícula, a natureza inteira. Anaxágoras, que foi um chamado pluralista, achava que existia um conjunto de elementos, muito pequenininhos, que criava as coisas. Esses

elementos estavam em todas as coisas. Anaxágoras tinha uma frase famosa a esse respeito: “tudo está em tudo, em alguma medida”. Ele chamava isso de homeomerias.

Toda essa contextualização tem por intuito mostrar a vocês qual era o cenário em que Sócrates estava inserido. Disso tudo, vocês precisam prestar atenção no seguinte: muitos filósofos, do século VIII ao V a.C., responderam a pergunta “de onde tudo vem e o que dá estrutura para realidade?”. As respostas foram as mais variadas, mas a preocupação deles era mais com a natureza, era mais com a *physis*, do que com qualquer outra coisa. Por isso, podemos dizer que as preocupações dos primeiros filósofos eram cosmológicos. Eles estão preocupados com o funcionamento do cosmos, com o funcionamento do universo. A palavra mais adequada para universo, em grego, é cosmos mesmo, que é esse todo ordenado que temos.

### **A soberba ateniense**

Agora, vamos unir o que falei no início da aula ao que estou explicando agora. Conforme eu havia comentado, Atenas lidera a Liga de Delos para defender a Hélade da Pérsia. Depois de saírem vitoriosos da guerra contra os persas, essa organização foi mantida. Foi essa organização que fez com que Atenas fosse a cidade mais pujante, a líder das outras cidades e, ao mesmo, a mais rica. Isso trouxe à Atenas, que já tinha uma vocação mais democrática, uma autoimagem de que ali estava o pico da civilização. Os atenienses se interpretavam como os homens mais cultos do mundo, sem comparação com quaisquer outros.

Traçando um paralelo com o presente, podemos dizer que os atenienses daquela época, nesse sentido, parecem-se mais com os povos anglo-saxões de hoje, porque os ingleses e os americanos, embora diferentes, consideram-se no topo da civilização.

Sócrates nasce em um cenário de muita soberba, de uma autoestima muito alta, de pessoas que se achavam aquelas que mais sabiam nos seus respectivos misteres. Aquele que sabia muito de arte, era o que mais sabia de arte no mundo. Aquele que sabia muito sobre oratória e sobre a construção de discursos, era o que mais sabia no mundo sobre a construção de discursos. Aquele que mais sabia sobre escultura, é o que mais sabia sobre escultura no mundo, porque todo mundo era um monte de bárbaros.



Bárbaro é uma palavra que começa a ser usada para se referir a quem balbucia, aos bárbaros, em grego, que são aqueles que não sabem falar grego. Para os atenienses, embora melhores do que os bárbaros, afinal, falavam grego, toda população grega era inferior à Atenas.

Essa é a Atenas na qual Sócrates está. Há muita arrogância, no melhor dos casos, a autoestima é alta e há muita soberba.

Neste cenário, que forma a filosofia toma?

## **SÓCRATES**

### **Sua família e formação**

A filosofia desenvolvida em Atenas apresenta um elo com a proposta de Anaxágoras, o qual teria lecionado para muitos atenienses, dentre os quais, Sócrates. Muitos biógrafos afirmam que Sócrates teve aulas com Anaxágoras. Portanto, Sócrates era um homem que teve aula com um dos famosos filósofos pré-socráticos. Evidentemente, na época, essa denominação não existia. Esses filósofos recebem essa designação pela tradição de história da filosofia, que os coloca como anteriores a Sócrates, uma vez que Sócrates, no fundo, é o responsável por inventar a filosofia como, em alguma medida, existe até hoje. A filosofia como a inventou Tales não está tão em voga nos cursos de filosofia atualmente. Como eu disse, a filosofia de Tales se assemelha mais à física teórica. Aquilo que temos hoje de filosofia, assemelha-se mais ao que aparece com Sócrates. É como se a filosofia tivesse um pai no século VIII a.C., e Sócrates fosse o fundador de um novo modo de filosofar.

O fato de provavelmente ter tido aula com Anaxágora demonstra que Sócrates teve uma boa formação cultural e teórica. A mãe de Sócrates era parteira, ou seja, ajudava outras mulheres a terem filhos, e seu pai era um escultor. Sócrates era um escultor, tal como seu pai, mas interpretava que, em alguma medida, também havia seguido a profissão da mãe. Em um de seus famosos diálogos, Sócrates afirma que era parteiro de ideias, porque conseguia conduzir uma conversação de modo que novas ideias dela surgissem.

Vocês já repararam que muitas vezes conversamos e não portamos novas ideias conosco? Eu não estou dizendo que é preciso importunar todo mundo com

isso, mas é preciso notar que, muitas vezes, estamos envolvidos em uma conversa pretensamente intelectual da qual, ao final, cada um sai com suas próprias ideias.

Sócrates não queria o compartilhamento de ideias, uma espécie de troca em que cada um traz um pouco de sua visão. Ele queria, na verdade, que, por meio do diálogo, as pessoas descobrissem algo novo juntas. Essa é a ideia que fazia Sócrates se perceber também como um parteiro.

### **Sócrates e a pólis**

Outro aspecto importante de ser compreendido é que Sócrates foi um cidadão ativo. Naquela época, Atenas passou por uma história de grandes mudanças de modelos políticos. Com Basileu, havia uma tirania. Com Sólon, houve uma reestruturação com um modelo de democracia. Clístenes introduziu ainda outro modelo de democracia. Há uma modificação constante do modelo democrático de Atenas. Não há como afirmar que Atenas sempre foi democrática da mesma forma.

Na época de Sócrates, a democracia grega realizava uma espécie de rotatividade de cargos entre os seus cidadãos. Neste momento, em Atenas, eram considerados cidadãos os homens filhos de mãe e pai atenienses, com mais de 18 anos e que possuíam alguma propriedade, por menor que fosse. Cumpre ressaltar que as mulheres não eram consideradas cidadãos. Imperava ainda a ideia de representação familiar. Daí advém a ideia dos 18 anos como maioria. Em Esparta, para participar de uma assembleia, era preciso ter mais de 30 anos. Ou seja, os homens se tornavam cidadãos com 31 anos. A ideia do homem como chefe da família está muito clara em “A Política” de Aristóteles, na qual explica como isso funcionava. O homem, como chefe, representava a visão de toda família.

Isso não é uma ideia só da Grécia Antiga e vigorou até pouco tempo atrás, como no Império brasileiro, por exemplo. Acredito que esta é uma ideia passível de discussão, que pode ser investigada. Com os atuais modelos familiares, talvez não funcione tanto, mas, de repente, em um outro modelo familiar, como os de antigamente, era funcional. Hoje há muita gente solteira e divorciada e surge a dúvida de qual família a mulher faz parte. É o voto do pai que vai representá-la? É um modelo que fica ruim. Então, acho que demos um passo necessário.

Sócrates, adulto, é chamado para fazer parte de eventos públicos, como as assembleias. Em uma determinada participação dele nas decisões públicas, identificou uma certa corrupção. Sócrates percebeu que havia um desvio de verba e

tentou denunciar o ocorrido. Ele quase foi morto nessa ocasião. Seu mandato acabou antes que o problema continuasse e conseguiram fazer um cambalacho. Sócrates, novo, já participa de uma tentativa de esclarecer um processo de corrupção. Posteriormente, ele foi convocado para guerra. Sócrates participou de alguns eventos de guerra, sobretudo das guerras pérsicas e, depois, da guerra do peloponeso.

No diálogo platônico “O banquete”, o herói mais premiado de Atenas, Alcibíades, faz um elogio a Sócrates, proclamando que Sócrates era ainda melhor do que ele. Para vocês terem uma ideia, Alcibíades diz que ele, que ganha o título de herói e ganha premiação pública por participação na guerra, na verdade, foi salvo por Sócrates. Alcibíades começa então a contar os feitos de Sócrates. A bem da verdade, ele estava querendo bajular Sócrates naquele momento. De qualquer maneira, o que Alcibíades conta é uma fonte histórica para saber como Sócrates era visto e como ele provavelmente se portava nas guerras. Alcibíades narra que estava nevando, todos estavam com frio e feridos, e Sócrates era o homem que, mesmo descalço e sendo um dos mais velhos, conseguia recolher os feridos, recolher seus pertences e ajudar a todos. Ele continua que Sócrates, durante as batalhas, também conseguia ficar dias e dias acordado, que Sócrates conseguia participar das bebedeiras e ser o único sóbrio para fazer as coisas acontecerem. Sócrates recebe vários elogios, principalmente de Alcibíades, em que o apontam como uma espécie de herói de guerra.

### **Sócrates, o filósofo**

Na vida de Sócrates, há alguns elementos que podemos extrair como aqueles constitutivos da personalidade do filósofo. Um deles é justamente a maturidade. Sócrates começou a filosofar a partir dos seus 50 e tantos anos. Mais velho, já havia passado por situações que o caracterizavam como pai de família<sup>1</sup>, como um homem que participou ativamente, como cidadão, das decisões públicas e que participou da defesa de Atenas em campanhas militares com os exércitos. Ao mesmo tempo, Sócrates teve uma boa educação e tinha um aprendizado artístico, porque era um escultor.

Esse é o Sócrates que muitas pessoas interpretam mal. As pessoas comentam que ele era feio, baixinho, que não pagava suas contas e parecia um mendigo. Essa

---

<sup>1</sup> Sócrates se casou com uma moça chamada Xantipa, com quem teve filhos.

é uma maneira de você enxergar a história dele. Eu prefiro enxergá-la da minha maneira. A representação imagética que temos de Sócrates, de fato, aponta um homem feio, baixinho. Havia, também, esse aspecto da dificuldade econômica, do filósofo pobre.

Para compreender essa nuance, é preciso explicar um lado ascético, religioso, do Sócrates. Na verdade, a missão filosófica do Sócrates era muito ligada ao oráculo. Na aula anterior, quando tratamos do mito e do teatro gregos, comentei que um aspecto principal destes era o oráculo. O que o oráculo dizia ia implicar de alguma forma o destino dos personagens, ou, pelo menos, ia adivinhar o destino deles. A tentativa de escapar de seus destinos acabava fazendo com que os personagens se enredassem ainda mais. É impressionante, mas Sócrates é como se fosse um personagem de teatro. Ele estava em uma época em que o teatro estava em voga, também no ponto mais alto, tendendo para o declínio. Os espetáculos anuais das festas dionisíacas eram espetáculos de teatro a que todos iam assistir. No “Édipo Rei”, o oráculo adivinhou quem Édipo seria. Primeiro, para os pais dele. Depois, para ele mesmo. O que o oráculo previu acabou acontecendo.

A história de Sócrates é similar. Xenofonte, um amigo e aluno de Sócrates, foi ao oráculo e perguntou quem era o homem mais sábio da Grécia. O oráculo responde que era Sócrates. Xenofonte, impressionado, perguntou se não havia nenhum homem mais sábio do que Sócrates, ao que o oráculo retorquiu que não. Como se insistisse demais na pergunta, pareceria ateu, Xenofonte partiu. Ele encontrou Sócrates e lhe contou que o oráculo havia dito que ele, Sócrates, era o homem mais sábio da Grécia.

Quero fazer uma observação neste ponto. Receber essa notícia, nessa época, era um pouco constrangedor, era forte, porque o sujeito não podia dizer que não acreditava no oráculo. Se fizesse isso, poderia ser processado por desrespeito à religião.

Imaginem a surpresa de Sócrates ao receber essa notícia, pois não achava que era o homem mais sábio. Embora tenha decidido não negar o que o oráculo disse, Sócrates ficou intrigado com a resposta, pois não tinha uma série de conhecimentos. Como aquilo era possível? Xenofonte reafirma que foi o que Deus disse. Sócrates, aceitando que é o homem mais sábio, decide conversar com os homens realmente sábios, para que juntos descobrissem onde estava sua sabedoria.

É assim que começa a história filosófica de Sócrates. É como se fosse uma missão espiritual dele, pois pensava que sua sabedoria teria que servir para algo.

## **Como Sócrates filosofava?**

Neste ponto, é importante recordar toda contextualização e todo cenário que construí de Atenas como uma cidade de soberba e de arrogância. Sócrates é um homem que se coloca a missão de questionar os mais soberbos e arrogantes. É assim que ele começa a fazer essa interlocução com os personagens mais sábios da Grécia. Essa é a dimensão do que viveu Sócrates.

Acho que, hoje em dia, a pessoa mais próxima a fazer algo como Sócrates é o Olavo de Carvalho. Tanto quando escreve “O Imbecil Coletivo”, dando sequência às suas polêmicas, quanto quando faz aquele debate, na USP, com Alaor Caffé Alves, um figurão com todos os gabaritos que as pessoas reconhecem como sábio. Olavo mostrou que ele tinha limite. Do que eu já vi, isso é o que mais se aproxima do que fazia Sócrates. Ainda assim, não é tão forte, porque Sócrates seria justamente alguém com aparência simples, que não está em busca de dinheiro, e que questiona os homens que se acham superiores ao mundo. Sócrates estava no pior cenário possível. Ele arriscou a própria vida e, como todos sabem, morreu.

Outro ponto importante é a respeito desse questionar, que não é aquilo que às vezes aparece na televisão. No início dos anos 2000, no programa “Fantástico”, houve um quadro em que uma filósofa teoricamente copiava o que Sócrates fazia. Ela contou que Sócrates ia ao mercado filosofar e, para imitá-lo, foi a uma feira livre, dessas de rua, e começou a fazer perguntas esdrúxulas para as pessoas como “o que é o alface” ou “você tem certeza de que você está aqui mesmo”. Ao chegar para alguém e perguntar “Você tem certeza de que está aqui?”, essa filósofa estraga com a filosofia e realmente a faz parecer algo para maconheiros. Com isto, não estou dizendo que esta pergunta não tem pelo menos um sentido que pode ser feito. Descartes questionou-se se não havia um gênio maligno criando tudo para enganá-lo, sendo que, no fundo, as coisas não existem. Mas isso não é incomodar um homem que está trabalhando perguntando “o que é o alface” ou se “ ele tem certeza de que está ali”. Não é assim que funciona. Você não fica enchendo a paciência das pessoas para elas fornecerem definições de certas palavras. Isso não é adequado e essa não é a filosofia que Sócrates fazia. Sócrates fez algo parecido justamente com o que fez Olavo de Carvalho. Sócrates foi a debates e argumentou com pessoas que estavam falando e representando publicamente aquele tipo profissional. Além disso, no início,

ele conseguia estabelecer aquilo como um debate até agradável. O diálogo tornava-se desagradável no final.

### **Os diálogos socráticos**

Observem os diálogos de Platão, que são as principais fontes para sabermos quem foi e o que fez Sócrates, no sentido filosófico, claro. Há, por exemplo, um diálogo chamado “Hípias Maior”. Hípias era um escritor que ficou famosíssimo por escrever os discursos mais belos. Ele era reconhecido como o homem que fez um espartano chorar. Isso é muito significativo, porque os espartanos achavam todos atenienses frescos. Os espartanos só estudavam duas artes: as militares e a música. Para eles, todo resto era frescura. Hípias conseguiu fazer discursos que o tornaram bem-visto em Espartana. Resumindo: era um homem que realmente sabia fazer discursos.

Sócrates o encontra e começa a elogiá-lo. Ele pergunta a Hípias se é verdade que conseguiu fazer um espartano chorar e este conta todo orgulhoso que sim. Sócrates pede, então, que Hípias conte histórias a respeito dos seus discursos. Eles estão conversando como amigos até que Sócrates fala para Hípias que foi bom tê-lo encontrado, porque tem um amigo dele que é admirador de seu trabalho. Sócrates continua dizendo que esse amigo havia lhe dito que, se encontrasse Hípias, gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Sócrates questiona se Hípias poderia respondê-las para ele. Hípias está tranquilo e diz que Sócrates pode lhe fazer as perguntas que desejar. Todo mundo acha, e eu também, que esse amigo do Sócrates foi uma invenção de Sócrates justamente para que Hípias não batesse nele. Sócrates lhe pergunta então, qual é o segredo para tornar os discursos belos. Hípias lhe dá uma resposta, mas Sócrates a acha insatisfatória. Ele pede que Hípias defina o que funciona para todos os discursos. Sócrates aponta que Hípias está contando discursos específicos, mas quer saber o que tem em todos eles que os torna belos. Hípias tenta enrolar Sócrates, mas este afirma que seu amigo é muito exigente e chato, e que não vai aceitar a resposta que está sendo dado. Sócrates pede, então, que Hípias lhe explique o que é o belo, o que é a beleza, porque, com essa explicação, será capaz de identificar tanto os discursos belos quanto como escrevê-los. Acrescenta que, na realidade, poderia identificar a beleza em todos os cantos. Hípias fornece respostas do tipo “beleza é como uma bela virgem” ou “beleza é quando você está com fome e tem aquela panela de comida bem feita”. Sócrates insiste que seu

amigo não vai aceitar essas respostas, porque são exemplos de beleza, e o que seu amigo quer é saber o que é a beleza, o que está em cada uma das coisas. Hípias dá uma desculpa qualquer e vai embora.

O problema é que essa cena se repetiu reiteradas vezes, com diversas pessoas. Os jovens adoraram. Eles começaram a seguir o Sócrates para assistir aos diálogos e ver quem seria humilhado. Depois, esses jovens começam a imitar Sócrates, fazendo questionamentos desse jeito socrático. Nesses diálogos, tal como Hípias, os indivíduos acabavam se empolgando e falando demais. Com isso, suas deficiências eram encontradas. Quando solicitavam uma definição, o conceito, a respeito desse ponto deficitário, a pessoa, incapaz de fornecê-la, ia embora. Imaginem um filósofo velho, perto dos seus 60 anos, humilhando os figurões de Atenas, acompanhado de jovens seguidores, ávidos por ver a nova humilhação. Agora vocês entendem por que Sócrates foi acusado de corromper a juventude? É por causa disso. Falaram que Sócrates estava corrompendo a juventude porque Sócrates fazia esses espetáculos e os jovens, depois, imitavam-no. Até que um sujeito o denunciou judicialmente. Essa não foi a única denúncia que Sócrates sofreu. Ele foi acusado de ter duvidado do oráculo e de ter realizado algumas atividades antipatrióticas.

### **Sócrates denunciado**

Atenas estava em um momento de briga política infernal. Sabem a polarização política? Aumentem. As pessoas tinham que ser patrióticas, defensoras de Atenas. Elas precisavam compartilhar a mesma maneira de enxergar a religião, o mesmo jeito de enxergar a política. Qualquer coisa que uma pessoa fizesse que saísse um pouco do padrão era suficiente para ser considerada uma traidora. O sujeito ainda podia sofrer um processo. Às vezes, Sócrates fazia questionamentos a respeito da teologia e da religião. Além disso, ele teria questionado o oráculo. Enfim, ele foi denunciado por desrespeitar a religião da cidade e por antipatriotismo.

Nesse período, todo mundo só falava em política, porque havia uma guerra contra Esparta. Enquanto isso, Sócrates ficava filosofando e perguntando o que é a beleza, para os outros, atormentando a vida ateniense de modo que não podiam se organizar belicamente para enfrentar os espartanos. Tudo isso está em “Apologia de Sócrates”.

Sócrates também foi denunciado por introduzir novos deuses. Essa denúncia aconteceu porque Sócrates usava uma expressão em grego, *daemon*, que, em português, poderíamos traduzir como uma espécie de anjo da guarda, de um ponto de vista católico. Há tradutores que traduzem por demônio. Essa tradução é de uma má vontade. *Daemon*, de fato, é a palavra grega que dá origem a demônio, mas isso me impede de dar aula direito, porque as pessoas vão ler e acham que é o livro do Satanás. Sócrates falava com demônios, porque *daemon* era uma palavra que designava um deus menor. Não eram os grandes deuses do Olimpo, era um deus menor que participava da vida das pessoas. Sócrates dizia que era impelido pelo *daemon*. Ele soube do oráculo e o *daemon* o impelia a questionar os outros, não era ele. Sócrates põe a culpa nos outros. Quando não era o amigo dele, era o *daemon*.

Em síntese, Sócrates foi denunciado por corrupção da juventude, porque retirava a juventude do caminho ideal de formação, por ser ateu e antipatriota e por introduzir novos deuses, porque tinha o deus da filosofia que o fazia filosofar. Foram três denúncias.

Em muitos casos, os nomes dos diálogos são os nomes dos interlocutores de Sócrates, que eram as grandes personalidades com quem Sócrates debatia.

No diálogo “Eutífron”, Platão conta o momento em que Sócrates toma contato com essas denúncias. Eutífron era o maior teólogo da época, o maior conhecedor do mito e da religião gregas. Em Atenas, naquele momento, não havia oficiais de justiça. As notificações criminais eram uma espécie de edital. O sujeito era avisado de que seu nome estava no fórum e precisava ir até este verificar a denúncia. Sócrates, para descobrir por que estava sendo denunciado, foi ao fórum, onde encontrou Eutífron, que estava lá para denunciar o próprio pai por ter matado um escravo. Ao saber disto, Sócrates começa a questionar se, mesmo nessas circunstâncias, devemos denunciar nosso próprio pai. Eutífron responde que sim e Sócrates lhe pergunta qual é a razão religiosa para isso, já que Eutífron era um teólogo. Eutífron começa a dar sua explicação até que chega o momento em que Sócrates o coloca na velha encruzilhada: você é bom porque os deuses dizem ou os deuses dizem o que é bom justamente porque é bom, e alguém pode racionalmente chegar no bem? Eutífron esquiva-se da pergunta e vai embora. Isso acontecia toda hora. Sócrates mostra e expõe o limite dos conhecimentos das pessoas que tinham esse prestígio.

Depois de interrogar muitas pessoas, Sócrates é levado a julgamento. Nos diálogos platônicos chamados diálogos da juventude, vocês podem encontrar mais



esses diálogos em que Sócrates aborda um figurão e mostra o limite dele. Infelizmente, as perguntas que Sócrates suscita ficam sem resposta. No diálogo com Hípias, por exemplo, não há resposta do que é a beleza.

### **As fontes**

As principais fontes para o Sócrates são os diálogos platônicos. Mesmo assim, há problemas. Pensemos como um historiador. Os diálogos platônicos podem ser ficcionais. É possível afirmar que Sócrates não existiu, que Platão o inventou. Não temos certeza do que aconteceu. Neste contexto, como ter certeza? Xenofonte, outro aluno de Sócrates já mencionado, também escreveu diálogos. Seu livro “Ditos e feitos memoráveis de Sócrates” é extremamente importante para biografia do Sócrates. Para quem quer conhecer o Sócrates, vale a pena lê-lo. O outro livro de Xenofonte é “Apologia de Sócrates”, mesmo título utilizado por Platão. Apologia é a própria defesa que Sócrates faz perante o tribunal dos quinhentos. Naquele momento, a democracia era tão enraizada em Atenas que os julgamentos não eram feitos por juízes ou por um júri com treze pessoas, mas sim por quinhentas pessoas. Quinhentas pessoas julgavam um homem. Sócrates se defende com esse reporte. Há dois textos que tentam representar essa defesa, um do Platão e outro do Xenofonte.

Além disso, há mais uma prova da existência de Sócrates, porque Aristófanes, um escritor de comédia para teatro, para zombar de Sócrates, escreveu um texto chamado “As nuvens”. Neste, Aristófanes retrata Sócrates como um lunático, como um imbecil que só fala besteira. Aristófanes pega a imagem grotesca de Sócrates, transforma-a em um personagem e faz muita gente rir dele.

### **O fim**

Sócrates é condenado e deve optar entre o exílio e a morte. Ele não aceita o exílio. Sócrates afirma que se nem os atenienses, o povo que ajudou a criar, porque participou da política e defendeu Atenas, aguenta-o, nenhum outro vai aguentar, porque não vai parar de interrogar, pois o *daemon* o obriga a isso. Sócrates declara que, embora aqueles homens não reconheçam, esses questionamentos os fazem melhores. E prossegue que se fosse pedir algo em favor de seus filhos, seria que os interrogassem daquela mesma maneira. Pediu, então, que não parassem o que ele estava fazendo.

Como não aceitou o exílio, Sócrates foi condenado à morte. A morte livre dos atenienses, não a dos franceses da Revolução Francesa. Eu não estou elogiando um

tipo de morte, estou explicando. A morte da Revolução Francesa foi a tentativa de obedecer aos direitos humanos. Por isso, sua tônica estava centrada na ausência de dor. A guilhotina decapitava perfeitamente, a cabeça caía bonitinha no cesto. Essa era concepção de obedecer aos direitos humanos da época, claro. A concepção de Atenas é a liberdade, é o cidadão. Então, ninguém matava ninguém. Um copo com Cicuta, um veneno, era entregue ao condenado, que deveria bebê-lo. Até nisso os atenienses tinham essa interpretação de que o sujeito compreendeu que foi julgado, condenado e que precisa se matar. É uma morte um pouco mais livre, digamos.

Já condenado à morte, Sócrates tem um outro diálogo, dessa vez com Críton, um dos seus discípulos mais ricos. Sócrates estava preso e Críton vem chamá-lo à fuga. Ele havia subornado o guarda, conseguido um meio de transporte e uma casa, em uma cidade próxima, para Sócrates. Como encontra Sócrates dormindo, Críton decide não acordá-lo, uma vez que aquele poderia ser seu último sono antes de morrer. Ao acordar, Sócrates se depara com Críton. Este lhe explica que conseguiu arquitetar uma fuga para Sócrates e que o deixou dormir porque não sabia se ele não teria a ideia louca de não querer fugir. Sócrates indaga se é justo que ele fuja.

Percebam, Sócrates está com a fuga pronta e começa a fazer questionamentos se aquela atitude de desobedecer às leis é justa ou não. Críton responde que acha a atitude justa, porque tem dinheiro, tem uma propriedade, é aluno dele e sabe que ele não merece aquela condenação. E que, por isso, estava ali para lhe ajudar. Sócrates pede para que ele suponha que as leis viraram uma pessoa e ele está conversando com elas. Então, a lei lhe questiona: você está me desrespeitando, mas você construiu o seu patrimônio com base nas minhas leis e na organização social de Atenas, não é? Diante disto, Críton concorda. Sócrates prossegue interpelando como se fosse as leis: e o Sócrates, não foi criado em Atenas e pode ser o Sócrates porque Atenas é assim? Críton, uma vez mais, concorda. Sócrates continua: e o Sócrates nunca quis ir embora, né: Ele viveu sempre aqui, em Atenas. Ele só saiu de Atenas para guerrear por Atenas, não é verdade? Críton responde que isso é verdade. Sócrates avança, como se fosse as leis: não foi também por nossa causa que ele quis criar os filhos dele aqui? Porque ele acha que Atenas é o melhor lugar para criar os filhos. Novamente, Críton responde que sim. Sócrates retoma a argumentação: e agora que ele é condenado e recebe essa sentença desfavorável, agora está na hora de ele nos desrespeitar e de ir procurar outro lugar?

O Críton responde que não sabe, que acha que não. O Sócrates finalmente responde por si e afirma: pois é, meu amigo, eu vou ficar.

É o condenado consolando o amigo que estava lá para salvá-lo. Eu acho essa história muito bonita. Críton é um diálogo curto, tem apenas vinte páginas. Leia para ver Sócrates realmente explicando para Críton, por meio da conversa com as leis, porque, naquele momento, ele não podia desrespeitá-las. É um patriotismo e um senso de justiça em um nível bem alto.

Sócrates acaba tendo sorte. Ele havia sonhado que haveria uma demora para ele morrer. De fato, há um atraso na chegada de um navio, sem a qual Sócrates não poderia ser morto. Era uma questão religiosa. Sócrates acabou durante mais alguns dias e tendo outro diálogo, chamado Fédon. Nesse diálogo, Sócrates está na sala onde vai morrer conversando com os discípulos sobre a vida após a morte, sobre filosofia. Para ver o senso de missão, a parte bem religiosa, espiritual, do Sócrates.

## **Conclusão**

Para concluir a nossa história, quero dar uma tônica em algo que, para mim, é um dos aspectos mais importantes do Sócrates. Uma pergunta que precisamos nos fazer é: o que, no fundo, Sócrates representou? O que Sócrates nos trouxe de lição? Qual tesouro ele nos deixou?

Eu acho que são muitos e variados tesouros. Interpretar a personalidade dele também vai nos trazer interpretações díspares. Nos estudos sobre Sócrates que aparecem na Alemanha, na França, na própria Grécia, muitos autores caminham para visões diferentes de Sócrates.

Há um Sócrates que é um homem religioso, uma espécie de asceta da época. Ele morre pela verdade considerando-se em uma missão espiritual, a de mostrar a verdade e de elevar a conduta dos atenienses.

Tem, por outro lado, o Sócrates cientista. É como se Sócrates tivesse sido responsável por buscar o universal, ou seja, a definição das coisas. Sócrates não queria saber que coisas eram belas, queria saber o que é a beleza. Igualmente, não queria saber discursos verazes, queria saber o que é a verdade, o que é a justiça. Ele queria saber o que é a lei ideal, o que é o bem. Ele queria saber quais eram as definições importantes. Como funciona o aprendizado, o que é a educação. O que é a cognição. O que é a piedade. O que de fato os deuses ensinam e o que é a melhor

maneira, a maneira adequada, de lidar com os deuses. Era isso que ele queria saber. Ele era um pouco cientista, ele buscava o universal.

Ao mesmo tempo, Sócrates era um educador moral. Essa é uma das visões que eu mais gosto. Ela está presente em Emile Boutroux, um francês que escreveu um livro só sobre isso, para explicar o que, para ele, era o Sócrates. Para Boutroux, Sócrates é o fundador da ciência moral, ou seja, é o fundador de um aprendizado moral, o aprendizado do questionar, do chegar a novas ideias por esse questionar, por esse diálogo. Sócrates tinha muito a relação entre saber e bem. Sócrates colocava que o mal é, sobretudo, um ignorante. É aquele que padece de presunção de saber ou de fingimento de saber. É preciso quebrar isso pela ironia, aquele processo que ele usava para a pessoa ficar à vontade e falar demais, e pela maiêutica, que é o parir uma nova ideia. Essa técnica socrática serviria para melhorar as pessoas, para fazê-las terem um compromisso moral com a verdade.

O professor Olavo de Carvalho dá uma fórmula para a honestidade intelectual. A fórmula da honestidade intelectual é não dizer que sabe o que não sabe e nem que não sabe o que sabe. Essa fórmula da honestidade intelectual é muito socrática, porque Sócrates vem justamente para expor o pseudólogos, que é o falso saber diante de todos. Aquele “só sei que nada sei” é afirmar que sabe que não sabe aquilo que o outro está falando que sabe. Mas que sabe que ele também não sabe e que sabe que não sabe. Ou seja, o saber que não sabe é um saber, e é o saber que ninguém tinha, por isso ele era o homem mais sábio da Grécia. Ele sabia que ele não sabia sobre aqueles assuntos que eles estavam falando. Mas ele sabia o limite da ignorância dele. Esse é o sentido real do só sei que nada sei. Ele sabe o quanto ele é ignorante, e aquilo que ele sabe, ele sabe que sabe. Era isso que faltava aos atenienses da época. Então é um aprendizado moral, não só intelectual. É muito importante para a inteligência, mas ele achava que burrice e maldade estavam muito juntas, assim como, obedecendo a esses critérios, também achava que a pessoa seria bondosa e teria uma conduta mais elevada.

Essa é só uma apresentação, uma conversa inicial sobre Sócrates. Espero que tenha ficado claro e qualquer dúvida, estou à disposição.

## **PERGUNTA**

- 1) Eles tinham alguma noção de leis justas e leis injustas? Que a lei injusta não deve ser cumprida e a lei justa é a que vale?

É uma boa pergunta e é um questionamento que muita gente faz em relação ao diálogo de Críton. Parece que Sócrates, mesmo achando a lei injusta, achava que tinha que cumpri-la, porque era a melhor que tinha, digamos assim. Respeitar a lei também representava o amor à pátria. Por isso, é interessante observar a conduta de Sócrates com os espartanos. Os espartanos conseguiram dominar Atenas por um tempo, e Sócrates foi chamado a cumprir uma missão. Nesse momento, ele desobedeceu. E ele ia ser morto por isso. Não foi pois os atenienses conseguiram recuperar o governo de Atenas. Parece que Sócrates respeitava a lei, ainda que injusta, mas da pátria dele. Lealdade à própria pátria. Quando vem o invasor dar regras, ele não obedece. É uma questão boa e um tanto delicada. Tem muita gente que acha que os argumentos no Críton são patrióticos demais e que não se sustentam, mas eu acho bem interessantes.